

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS
INTERNACIONALIZAÇÃO DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO

Narrativas midiáticas, diversidade e fortalecimento democrático

Dimensões da investigação como narrativas



Hervé Breton

Professor of education sciences

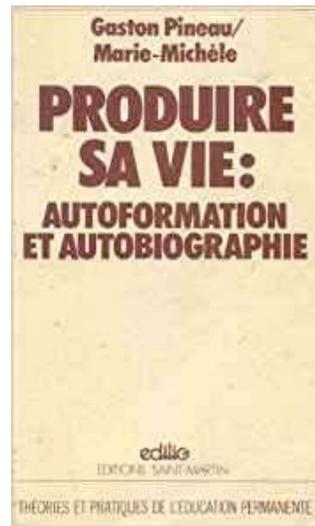
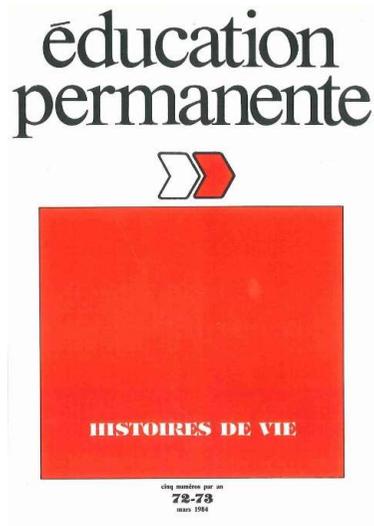
herve.breton@univ-tours.fr

EA7505, EES, University of Tours, France

Dias 1 : Life history and biographical narration

Na educação de adultos

ÂNCORAS NAS CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO



Education permanente, 72-73, 1984, 15-24

sauve qui peut !
la vie entre
en formation
permanente.
quelle histoire !



GASTON PINEAU

Parler d'histoire de vie en éducation permanente, c'est vouloir faire entrer dans le réflexif et la pratique éducative « professionnelle » la vie et le temps. Double entrée difficile car son unité tourbillonnaire de temps et de contre-temps résiste aux découps préexistants, aux mises en forme préprogrammées. D'autant plus que cette double entrée ne se fait pas en langage courant que parlent et comprennent difficilement les analystes et programmeurs éducatifs professionnels. Cette difficulté, je l'ai éprouvée personnellement quand — aux hasards d'une interview d'une journaliste — j'ai été amené à essayer de faire mon histoire de vie pour tenter de comprendre mon éducation permanente; je l'ai éprouvée ensuite quand j'ai commencé à utiliser cette approche comme moyen de formation (1978) et comme moyen de recherche (1980); et je l'éprouve encore actuellement pour

Gaston PINEAU est chercheur au Bureau de recherche de la Faculté d'Éducation Permanente de l'Université de Montréal.

15

Pineau, G. (1984). Sauve qui peut ! La vie entre en formation permanente. Quelle histoire. *Education Permanente*, 72-73, 25-33

Pineau, G. Marie-Michèle. (1983). Produire sa vie. Autoformation et autobiographie. Edilig.

AS HISTÓRIAS DE VIDA COMO CAMPO DE FORMAÇÃO E PESQUISA BIOGRÁFICA: Definição de termos

Autobiografia: escrita da sua vida. O orador está imerso na sua vida e a sua principal função é libertar-se dela o suficiente para encontrar a distância necessária para uma visão compreensiva.

A biografia: escrita da vida por outra pessoa. O interlocutor que conheceu inicialmente é estranho a esta vida. Ele deve aproximar-se o suficiente para encontrar a distância da visão, da compreensão.

A história de vida em formação: prática da história de vida em grupo (modelo interativo e dialógico) dentro de um coletivo de formação.

Pineau, G. (2020). Dialogue, dialectique, dialogie en formation avec les histoires de vie. *Education permanente* 222, 11-23.

AS HISTÓRIAS DE VIDA COMO CAMPO DE FORMAÇÃO : As etapas do processo

Um processo de seis etapas:

Fase 1: quadro e contrato com o grupo (de formadores adultos)

Fase 2: uma primeira escrita de um período de vida, (ou de um momento de vida), depois declarada em subgrupos

Fase 3: uma contribuição em torno das teorias da formação, das metodologias da história de vida, das filosofias da experiência e da vida adulta contemporânea

Fase 4: a escrita em profundidade da vida baseada em eventos significativos que fazem parte de uma história

Fase 5: Socialização da história de vida: expressão da história escrita ao grupo, co-interpretação da história

Fase 6: a análise coletiva da experiência vivida na formação e as contribuições da abordagem às funções e práticas de apoio

BRETON, H. (2019). Vitalité des formations par les histoires de vie. Dans M.-C. Bernard, G. Tschopp et A. Slowik (dir.), *Les voies du récit : pratiques biographiques en formation, intervention et recherche* (p. 13-27). Québec, Canada : Éditions Science et bien commun.

A investigação narrativa

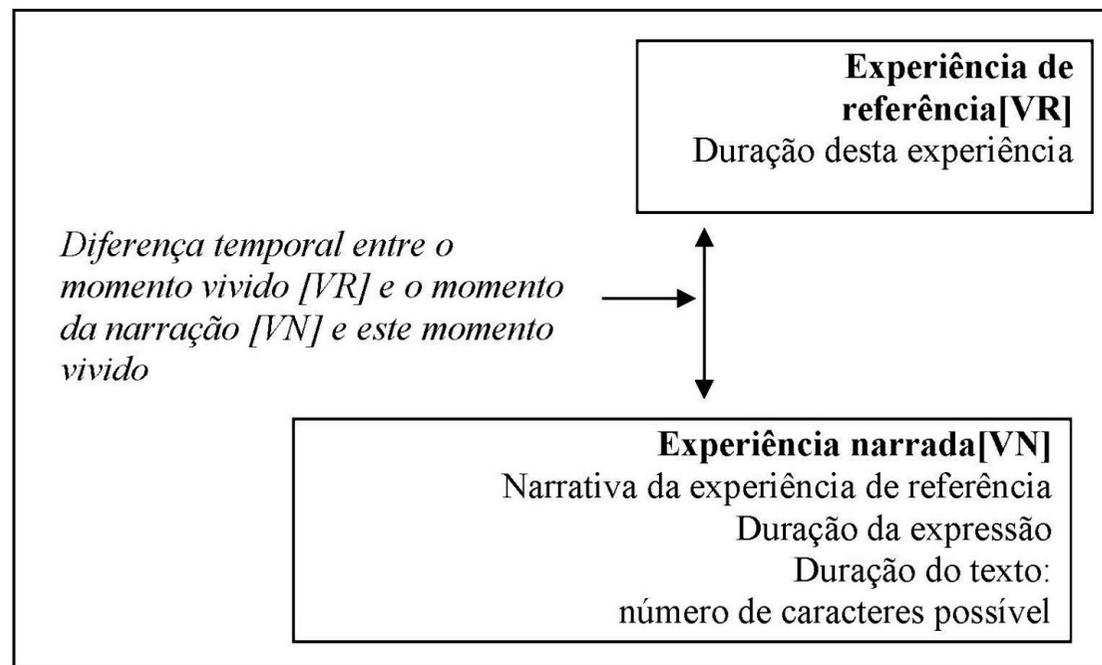


Figura : Diálogos temporais entre a experiência de referência [VR] e a experiência narrada [VN].

Baudouin, J-M. (2010). *De l'épreuve autobiographique*. Peter Lang.

A investigação narrativa : introdução



A investigação narrativa busca uma compreensão da experiência vivida pelo sujeito, mobilizando relatos de experiências verbalizados na primeira pessoa.

Possibilita, com isso, que apreendamos e compreendamos os processos de construção de “olhares” que se estruturam no seio de uma atividade narrativa.

Para tanto, parte-se do pressuposto de duas passagens:

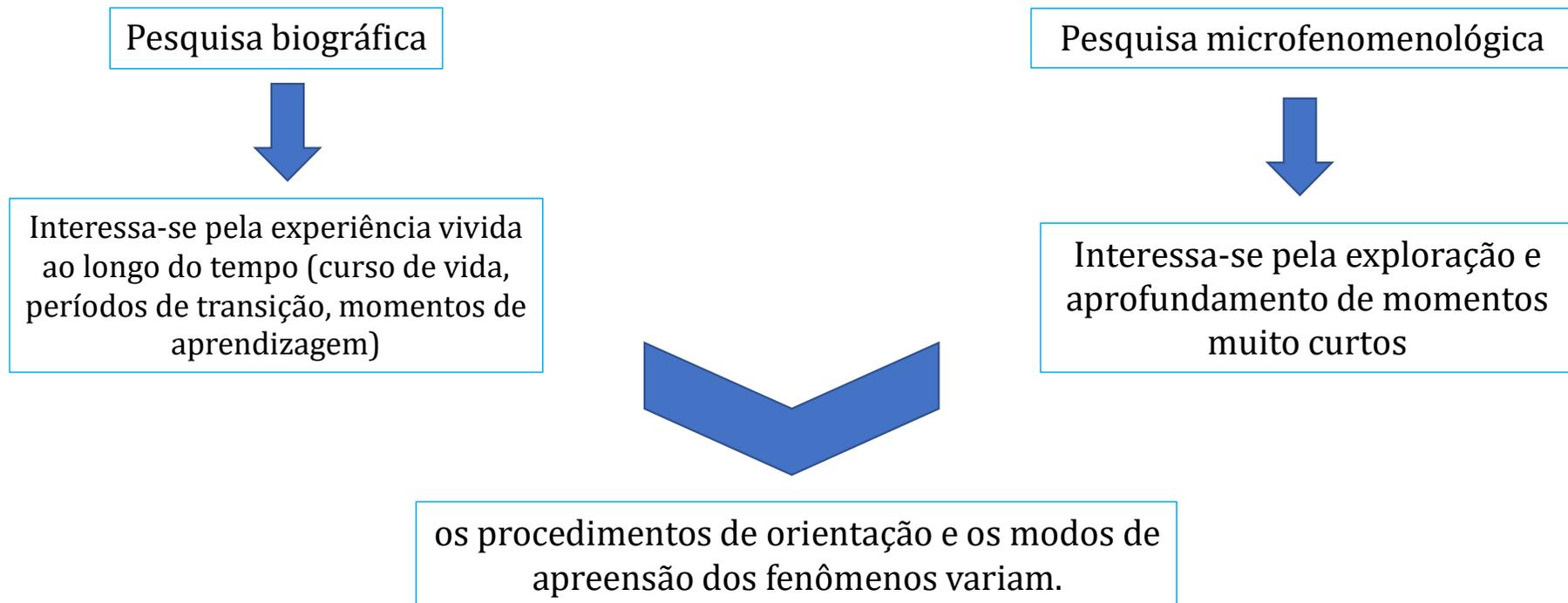
- 1) da experiência na linguagem, uma concretização da experiência vivida;
- 2) do texto à história contada, um processo de refiguração biográfica.

A atividade narrativa, por meio da qual a metodologia de investigação se processa, supõe a realização de atos que, simultaneamente, tornam a sua realização possível.

Foco do seminário: caracterização os regimes narrativos, abordando a formalização dos processos inerentes a esta abordagem, especificando também os efeitos gerados no decurso dos processos de compreensão, na auto-formação e na construção do conhecimento.

Breton, H. (2022). *L'enquête narrative en sciences sociales*. Armand Colin.

- Especificidade da pesquisa narrativa nas ciências humanas e sociais - procura compreender a experiência vivida através de relatos de primeira e segunda pessoa.
- Maneira de diferenciar os regimes narrativos desta investigação - questionar os efeitos sobre os modos de apreensão dos fenômenos experimentais de acordo com as escalas temporais que são visadas.



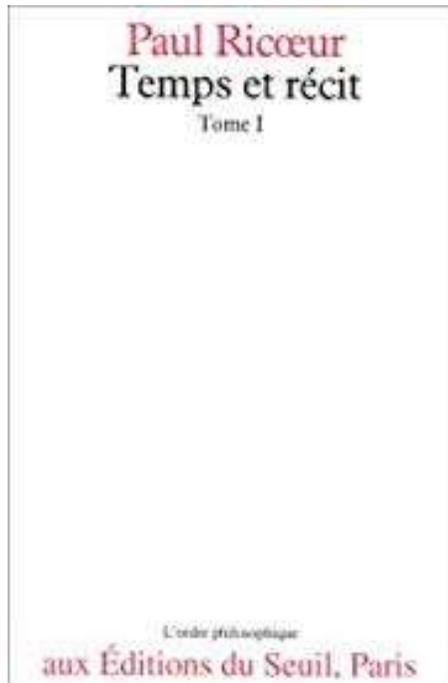


A temporalização e o princípio da sucessão

“Qualquer narrativa consiste em um discurso que integra uma sucessão de eventos humanos na unidade de uma mesma ação. Onde não há sucessão, não há narrativa, mas, por exemplo, descrição”.

Brémond, C. (1966). Logique des possibles narratifs. *Communications*, 8, 60-76.

« Tout récit consiste en un discours intégrant une succession d'événements humains dans l'unité d'une même action. Où il n'y a pas de succession, il n'y a pas de récit mais, par exemple, description »

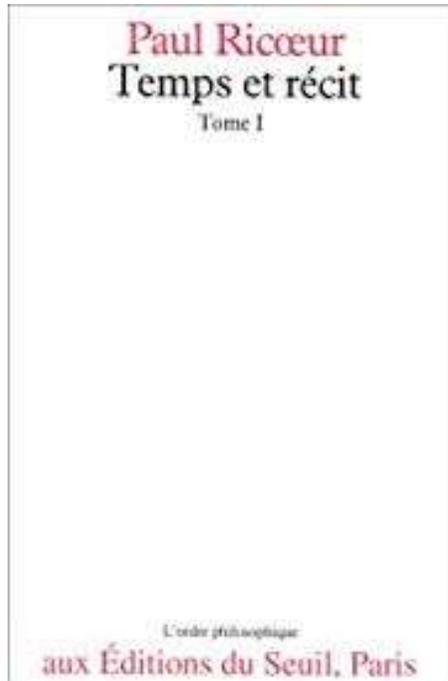


A composição e o princípio da concordância

“Uma após a outra, é a sequência episódica e, portanto, a improvável. Uma por causa da outra, é a sequência causal e, portanto, a provável. Não há mais espaço para dúvidas: o tipo de universalidade que a trama implica deriva da sua ordenação, o que a torna completa e total”.

Ricœur, P. (1983). *Temps et récit. 1. L'intrigue et le récit historique* (p. 85). Seuil.

« L'une après l'autre, c'est donc la suite épisodique et donc l'in vraisemblable. L'une à cause de l'autre, c'est l'enchaînement causal, et donc le vraisemblable. Le doute n'est plus permis : la sorte d'universalité que comporte l'intrigue dérive de son ordonnance, laquelle fait sa complétude et sa totalité. »



O Enredo/ La mise en intrigue

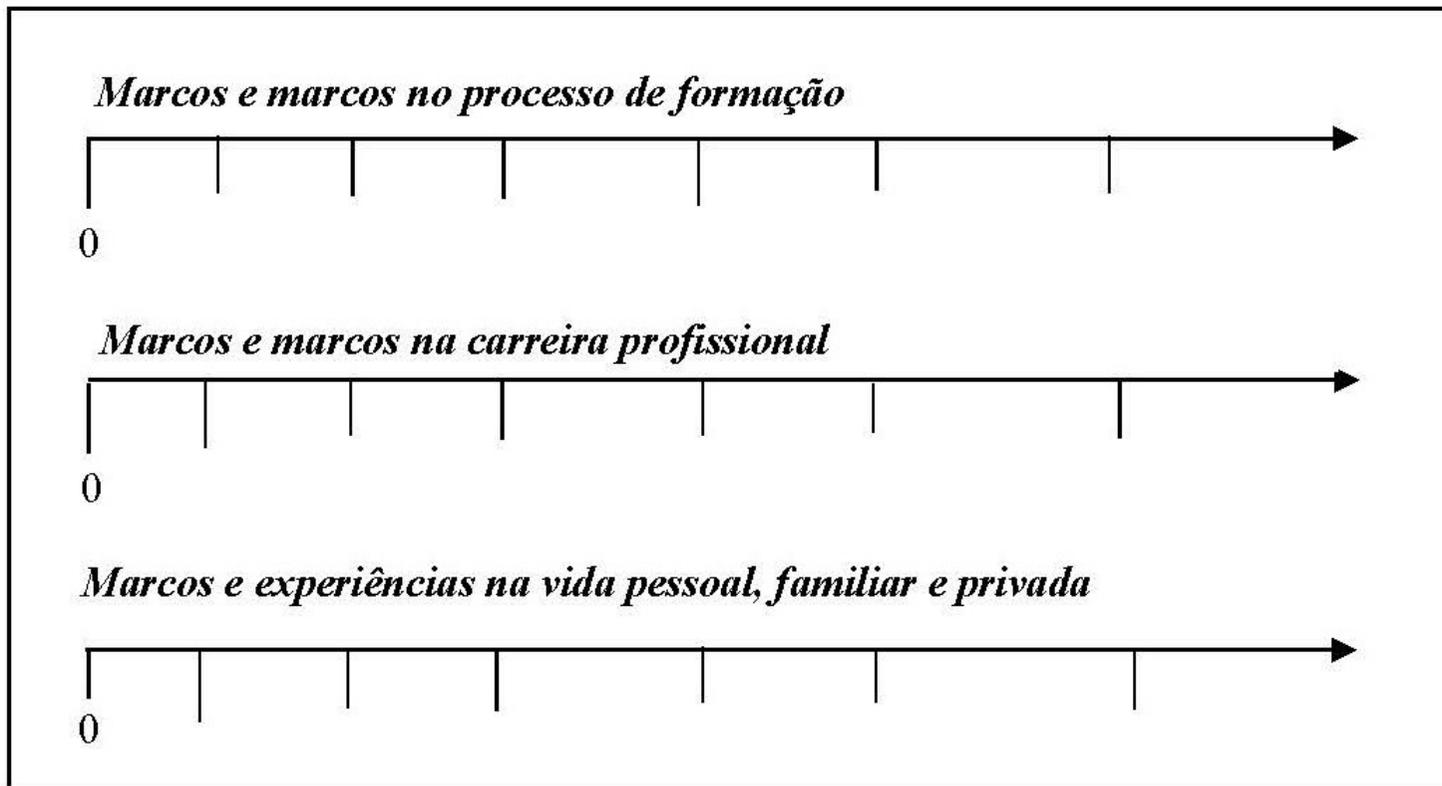
“O ato de construir o enredo combina em proporções variáveis duas dimensões temporais: uma cronológica, a outra não cronológica. A primeira é a dimensão episódica da narrativa: ela caracteriza a história como sendo composta de eventos. A segunda é a dimensão de configuração propriamente dita, através da qual a trama transforma os eventos em história”.

Ricoeur, Paul. 1983. *Temps et récit* (p.129). Seuil

« L'acte de mise en intrigue combine dans des proportions variables deux dimensions temporelles : l'une chronologique, l'autre non chronologique. La première constitue la dimension épisodique du récit : elle caractérise l'histoire en tant que faite d'événements. La seconde est la dimension configurante proprement dite, grâce à laquelle l'intrigue transforme les événements en histoire. »

EXEMPLO COM LINHAS DE VIDA

Alex Lainé. (2007). *Faz da tua vida uma história*. Paris: Desclée de Brouwer



MÉTODO DE RELEITURA DAS NARRATIVAS EM INVESTIGAÇÕES NO CAMPO DAS CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS

CONTEÚDOS DA EXPERIÊNCIA	PROCESSOS INFERENCIAIS E CONFIGURAÇÃO DA EXPERIÊNCIA	MATRIZES NARRATIVAS ESTRUTURANTES DA NARRATIVA
Recensão dos eventos ocorridos no curso do vivido	Exame das inferências que produzem as relações de causalidade	Tematização dos conteúdos e dos processos narrativos
<ul style="list-style-type: none">• Contexto: data, lugar, desenvolvimento• Critério 1: grau de completude do inventário dos fatos• Critério 2: granularidade da narrativa	<ul style="list-style-type: none">• Dedução/Indução• Transdução/Abdução	<ul style="list-style-type: none">• Temas organizadores da narrativa• Primazia interpretativa: do vago ao determinado

BRETON, H. (2020). L'enquête narrative : entre description du vécu et configuration biographique. *Cadernos de Pesquisa*, [Brésil], Vol.50, n° 178, 1138-1156.

Bibliografia

BAUDOIN, J.-M. (2010). *De l'épreuve autobiographique*. Berne : Peter Lang.

BRETON, H. (2020). Investigação narrativa: entre detalhes e duração. Investigação narrativa: entre detalhes e duração. *Revista Educação, Pesquisa e Inclusão* (Universidade Federal de Roraima, [Brésil]), 1, 1, 12-22.

BRETON, H. (2020). Pesquisa narrativa : entre descrição da experiência et configuração biográfica. *Cadernos de Pesquisa*, [Brésil], Vol.50, n°178, 1138-1156.

Pineau, G. BRETON, H. (2021). Conquistar seu tempo através da formação dos ritmos da própria vida. Educar em Revista, Université Fédérale de Parana, [Brésil]. Vol. 31. e77919.

BRETON, H. (2021). A narração da experiência vivida face ao « problema difícil » da experiência : entre memória passiva e historicidade .*Revista Praxis Educacional*, v17, n°44, Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), [Brésil], 1-14.

BREMOND, C. (1973). *Logique du récit*. Paris : Seuil.

BRUNER, J. (2010). *Pourquoi nous racontons-nous des histoires*. Paris : Retz.

DELORY-MOMBERGER, Christine. *La condition biographique*. Essais sur le récit de soi dans la modernité avancée. Paris: Téraèdre, 2009.

DILTHEY, Wilhelm. *A construção do mundo histórico nas ciências humanas*. São Paulo: Editora UNESP, 2010.

PINEAU, G. et MARIE-MICHÈLE (1983). *Produire sa vie : autoformation et autobiographie*. Montréal : Éditions Saint-Martin.

RICOEUR, Paul. Temps et récit. III. Le temps raconté. Paris : Seuil, 1985.

Merci beaucoup !

Muito obrigado!

herve.breton@univ-tours.fr

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS
INTERNACIONALIZAÇÃO DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO

Narrativas midiáticas, diversidade e fortalecimento democrático

Dimensões da investigação como narrativas



Hervé Breton

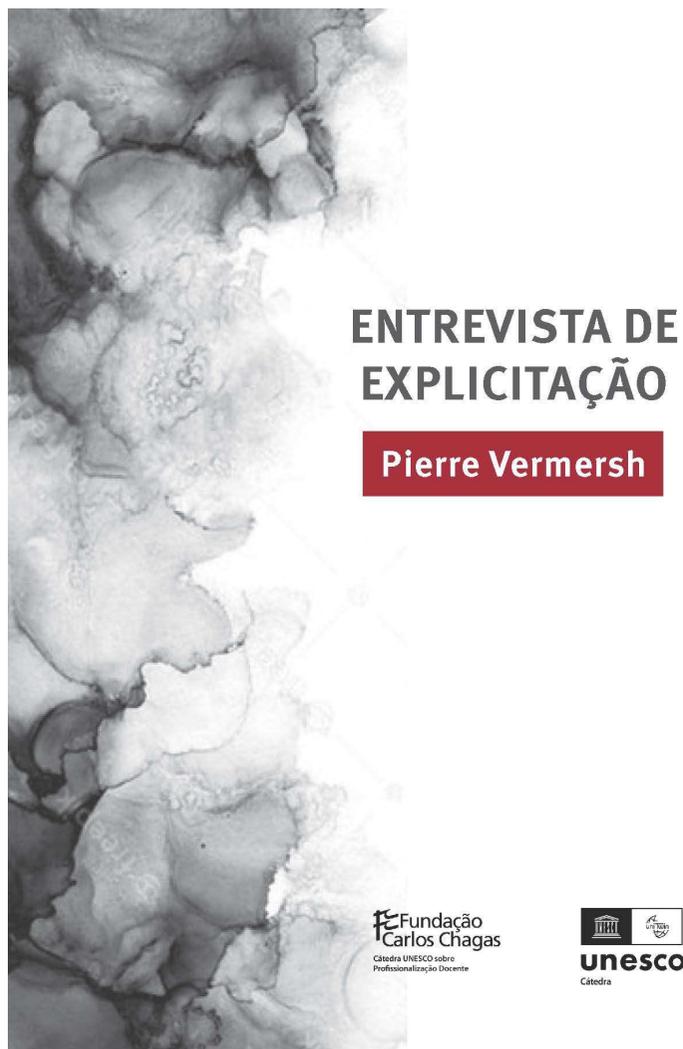
Professor of education sciences

herve.breton@univ-tours.fr

EA7505, EES, University of Tours, France

Dias 2 : Microphenomenological description

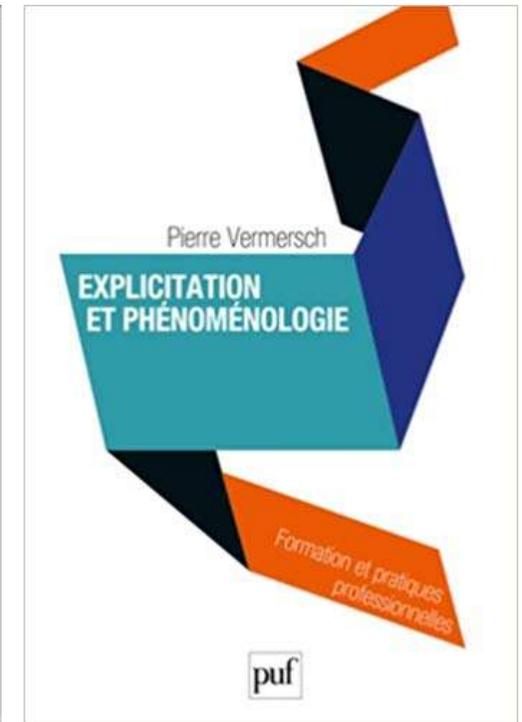
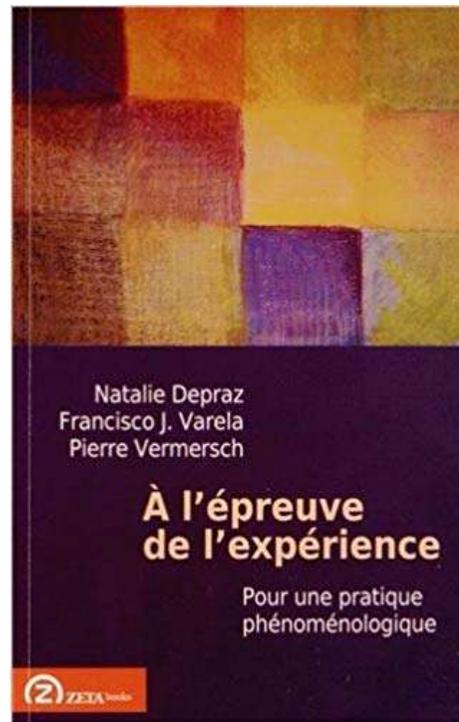
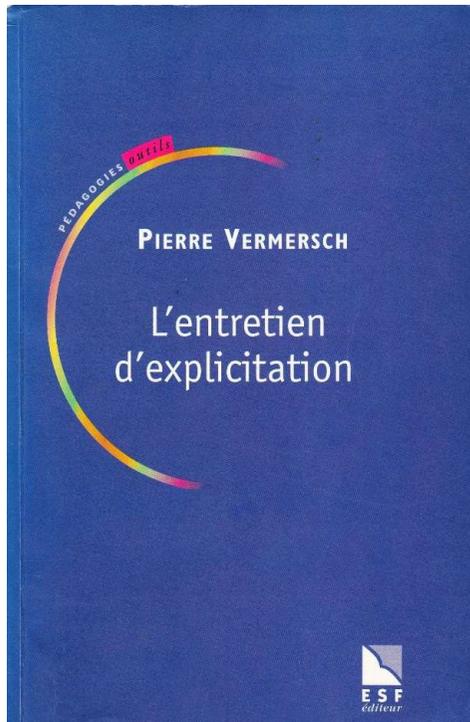
Quadro teórico



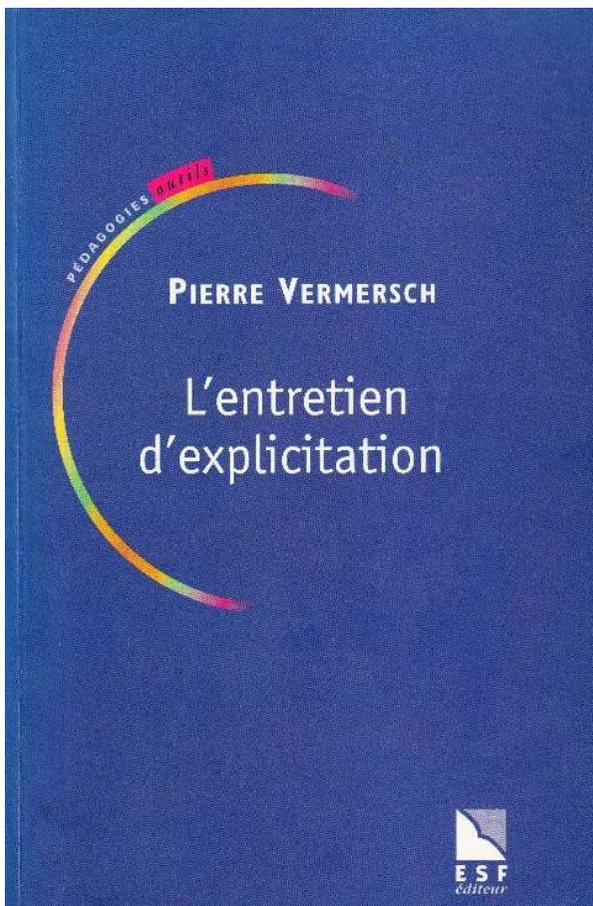
RECURSOS DE REFERÊNCIA:

- Vídeo de apresentação do livro no Youtube :
<https://www.youtube.com/watch?v=qni2Pa1k5co>
- Página de apresentação do livro no site da Fundação Carlos Chagas: <https://www.fcc.org.br/fcc/fcc-noticia/livro-entrevista-de-explicitacao-pierre-vermersch/>
- E-book gratuito disponível em:
<https://www.fcc.org.br/fcc/fcc-publicacoes/entrevista-de-explicitacao/>

FUNDAÇÕES PRODUZIDAS A PARTIR DE QUATRO LIVROS



SINGULARIDADE DA ENTREVISTA DE EXPLICITAÇÃO: BUSCANDO A DESCRIÇÃO DA AÇÃO



Etapa I

Vivido singular, inscrito na ação
Conhecimento em ato

Reflexão

Etapa II

Vivido representado
Significantes interiorizados, privados

Tematização

Etapa III

Vivido verbalizado
Revestimento pelas significações

Reflexão

Etapa IV

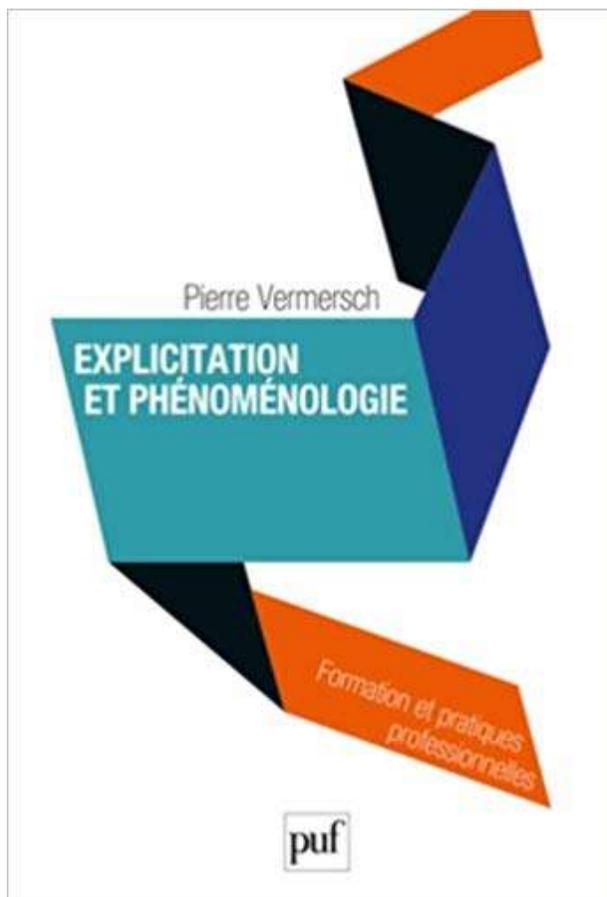
Vivido como objeto de conhecimento
Construção da experiência

Passagem do pré-refletido ao refletido, segundo Piaget (Vermersch, 2022, p. 104)

“Qualquer experiência é composta tanto de conhecimentos teóricos, quanto de saberes teóricos processuais e de conhecimentos pré-refletidos ou conhecimentos em ação. A partir desse modelo, estamos principalmente interessados nos aspectos pré-refletidos”.
(Vermersch, 2000, p. 81).

Vermersch, P. (2000). *L'entretien d'explicitation*. Paris : ESF.

FAZE 1



A descrição do desenrolar temporal

Descrever a ação, é em primeiro lugar, encorajar a expressão do desenrolar temporal das fases da ação:

▪ O início:

“Por onde você começou?” ; “O que você fez primeiro?” ;

“O que aconteceu primeiro?” ...

▪ O encadeamento das ações:

“O que você fez em seguida?”; “E depois, o que você fez?”;

“E depois, como você continuou?”...

▪ A finalização da ação:

“Com o que você terminou?”; “Com o que você terminou?”;

“Você quer acrescentar algo?”...

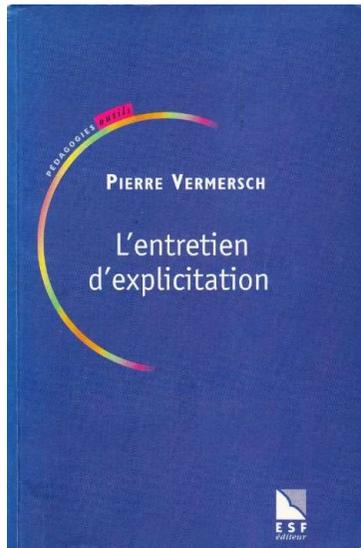
ANÁLISE DE ATIVIDADE

A noção de ATIVIDADE inclui para a entrevista de explicitação:

- O que o sujeito faz: ações, atos, gestos, fala...
- As maneiras de fazer : procedimentos utilizados, organização da ação, gestos, etc.;
- O que ele percebe: objetos percebidos, sentimentos, atmosferas difusas, etc.;
- O que ele diz a si mesmo: discurso interno, processos de deliberação e tomada de decisão, etc.;
- O que ele espera e antecipa: horizontes de expectativa, surpresa, espanto, etc.;

FAZE 2

PRIMEIRA ETAPA: DESCREVER A AÇÃO



TÉCNICAS CARACTERÍSTICAS DA MANUTENÇÃO MICROFENOMENOLÓGICA:

- Encontrar uma experiência de referência (1) e acompanhar a descrição das ações elementares (2),
- com base na sequência cronológica (3),
- e guiando a escolha do nível de descrição de acordo com as fases da ação (4).

DOIS CONCEITOS CHAVES:

1. Experiência de referência [Vr]
2. Experiência descrita [Vd]

VR = Experiência de referência

Duração: a ser determinada

VD = Experiência descrita
Descrição da experiência ao ingerir uma goiabada

Duração: a ser definida

Fiche 2 : Explicitação usando uma lógica cronológica

A descrição da sequência temporal

Descrever a ação significa, em primeiro lugar, encorajar a expressão do desdobramento temporal das suas fases:

▪ O começo:

"Com o que começou? "O que você fez primeiro? "O que aconteceu primeiro?"..

▪ A sequência de ações:

"O que vocês fez a seguir? "E depois o que fez? "E depois, o que é que continuou a fazer?" ...

▪ O fim da ação:

"Com o que é que acabou?", "Quer acrescentar mais alguma coisa?" ...

Descreva a experiência do sabor

Sensação: sensação corporal em contacto com o objecto (temperatura, textura, sabor...)

Percepção: horizonte de percepção, dimensões pré-refletidas e refletidas da experiência.

Experiência sensível: conexão, modos de doação como síntese da experiência, emergência de umwelt.

Descreva a experiência do sabor

EXPERIÊNCIA SENSÍVEL

Diferenciar:

- O discurso sobre a experiência;
- A expressão dos sentimentos durante a experiência gustativa.

A microfenomenologia da experiência sensível:

- ⑩ Acessar uma experiência única;
- ⑩ Trazer a memória presente;
- ⑩ Diferenciar os aspectos da experiência que são dados;
- ⑩ Descrever cronologicamente;
- ⑩ Modificar a velocidade da história;
- ⑩ Acessar diferentes níveis de detalhe.

DESCREVER A EXPERIÊNCIA SENSÍVEL : O SABOR

Ryoko Sekiguchi
Manger fantôme



Argon

A experiência sensível: o que descrever?

- O conteúdo do que foi experimentado (o alimento)
- A forma como se mostra o alimento (os métodos de doação do objeto)
- O efeito que produz (a experiência vivida em contato com o objeto)

Descreva a experiência sensível: como descrevê-la?

- Os modos de doação da experiência gustativa ao longo do tempo (temporalização da experiência);
- A aspectualização desta experiência pela caracterização das suas dimensões qualitativas (propriedades e características do objeto, efeitos comprovados, objetos de pensamento...);
- O comprovado associado à doação e sua influência na capacidade de descrever.

Sabor, uma experiência holística

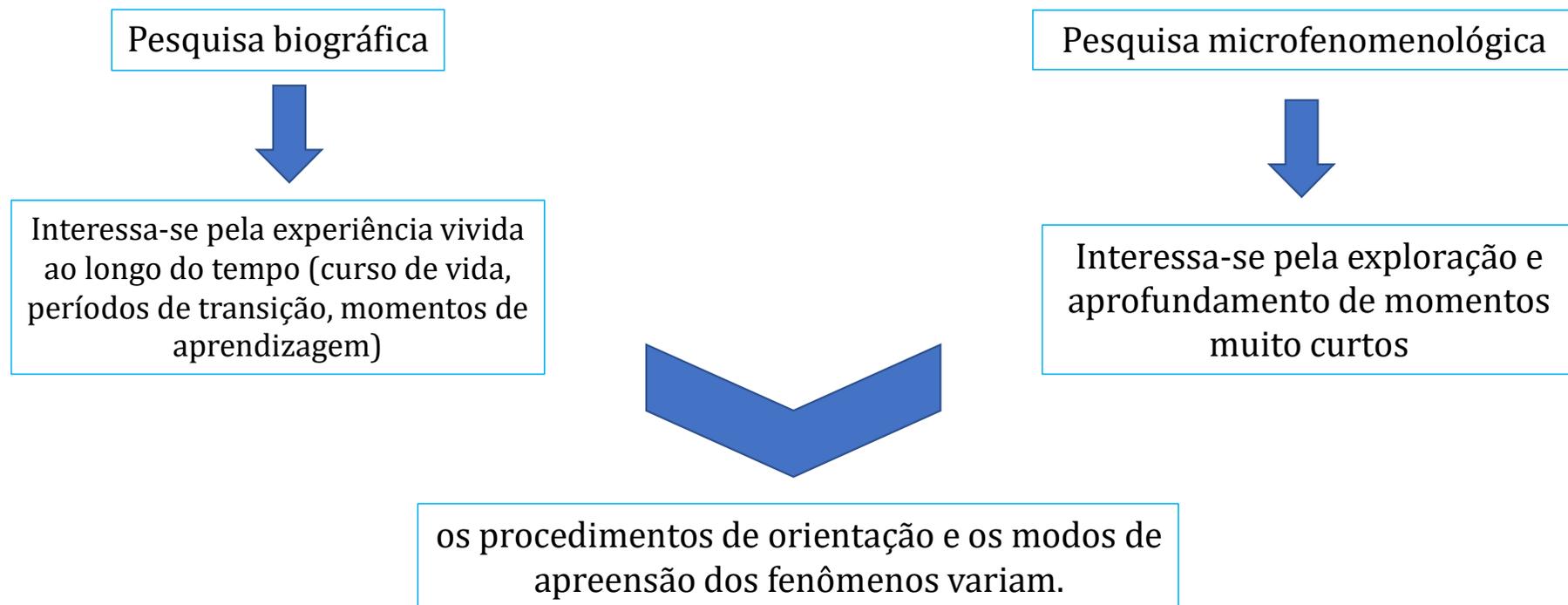
Uma experiência complexa e múltipla:

- Visual, auditivo, olfativo, olfativo, gustativo
- Gustativo: sabor, textura, temperatura, adstringência,...

Tensões entre:

- Analítico (composição multissensorial) e global (fusão);
- De fora para dentro (ingestão);
- Experiência imediata e experiência que ocorre ao longo do tempo (granularidade da experiência);
- Experiência imediata e experiência prévia (conhecimento e conhecimento implícito).

- Especificidade da pesquisa narrativa nas ciências humanas e sociais - procura compreender a experiência vivida através de relatos de primeira e segunda pessoa.
- Maneira de diferenciar os regimes narrativos desta investigação - questionar os efeitos sobre os modos de apreensão dos fenômenos experimentais de acordo com as escalas temporais que são visadas.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BÉGOUT, B. (2000), *La généalogie de la logique*. Vrin.

BRETON, H. (2020). Investigação narrativa: entre detalhes e duração. Investigação narrativa: entre detalhes e duração. *Revista Educação, Pesquisa e Inclusão* (Universidade Federal de Roraima, [Brésil]), 1, 1, 12-22.

BRETON, H. (2021). L'explicitation, selon Pierre Vermersch. *Chemins de formation*, 23, 11-16. [Revue interface]. HAL : <https://hal.archives-ouvertes.fr/hal-03160191>

BRETON, H. (2021). A narração da experiência vivida face ao « problema difícil » da experiência : entre memória passiva e historicidade. *Revista Praxis Educacional*, v17, nº44, Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), [Brésil], 1-14.

BRETON, H. (2022). Préface. Entrevista entrevista de explicitação. Vermersch, Pierre. Entrevista de explicitação / Pierre Vermersch; Hervé Breton (Coordenador do Projeto de Tradução e de Formação); Tradução Camila Aloisio Alves; São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 2022. 242p.; e-book

BRETON, H. (2019). Expliciter. Dans A. Vandavelde-Rougale et P. Fugier (dir.), *Dictionnaire de sociologie clinique* (p. 276-278). Toulouse : Érès. <https://doi.org/10.3917/eres.vande.2019.01.0276>

DEPRAZ, N. (2012), *Comprendre la phénoménologie, une pratique concrète*. Armand Colin.

DEPRAZ, N. (2014). *Attention et vigilance*. Paris : Presses universitaires de France.

DEPRAZ, N., VARELA, F. et VERMERSCH, P. *À l'épreuve de l'expérience*. Bucarest : Zénith, 2011.

PETITMENGIN, C. (2010), La dynamique pré-réfléchie de l'expérience vécue, *ALTER*, 18, 165-182.

VARELA, F., THOMPSON, E. et ROSCH, E. (2003). *L'inscription corporelle de l'esprit*. Paris : Seuil.

VERMERSCH, P. (1994), *L'entretien d'explicitation*. ESF.

VERMERSCH, P. (2014), *Explicitation et phénoménologie*, PUF.

Merci beaucoup !

Muito obrigado!

herve.breton@univ-tours.fr